

Editorial

Michel Foucault está muito presente neste número de *Mnemosine*. As efemérides o explicam apenas em parte: nossas preferências nada óbvias pelas comemorações decimais dão conta, evidentemente, de certo *frisson* associado a esses 30 anos da morte do filósofo. Contudo, mesmo o que nosso número contém de biográfico – na voz de Ernani Chaves (seção Biografia) e de Alessandro Francisco (tradução de texto) – distancia-se, sem dúvida, do hagiográfico.

Ernani Chaves nos oferece um texto publicado em 1984 no jornal paraense “O Liberal”, antecedido de breve apresentação, na qual o caráter de ‘arma do presente’ do pensamento de Foucault faz desses 30 anos de distância temporal um *momento oportuno*.

A tradução de Alessandro Francisco, por sua vez, nos faz divisar um 2014 repleto de eventos, edições de livros e revistas (*Magazine Littéraire*, *Sciences Humaines*, *Le Point*, a brasileira *Cult*), cujo tema central é o pensamento foucaultiano. Essa série discursiva deve ser acrescida do lançamento de um documentário de 52 minutos - concebido por François Caillat e produzido pelo *Institut National de Audiovisuel* - intitulado *Foucault contre lui-même*. O filme é composto a partir de trechos de entrevistas concedidas por Foucault, imagens de época e depoimentos de Didier Eribon, Geoffroy de Lagasnerie, Arlette Farge, Leo Bersani e Georges Didi-Huberman. Com o apoio das *Presses Universitaires de France* (PUF), François Caillat estabeleceu os depoimentos, com exceção daquele de Didier Eribon, em forma de livro, transcrevendo as entrevistas integrais realizadas com os participantes. Desse volume, Alessandro Francisco nos oferece a tradução da Introdução, acompanhada de indispensáveis notas históricas, bibliográficas e/ou teóricas.

Sem que houvesse qualquer convocação prévia, à maneira de número temático, os demais artigos do número recorrem intensamente a Foucault, mediante problematizações das mais variadas: a escrita, o saber das pessoas, os modos de subjetivação e/ou de sujeição, o poder sobre a vida e, em especial, a vida que sempre escapa às relações de poder. Vale deter-se, de preferência preguiçosamente, sobre as cuidadosas narrativas-análise que generosamente nos foram encaminhadas. Com elas, *Mnemosine* se faz presente como permanente atenção ao presente.

Os agradecimentos a Simone Serafim, Daniel Maribondo, autores e pareceristas não temem soar a indispensável repetição, já que esta está ancorada na amizade e na atitude crítica.

Boa leitura.

Heliana de Barros Conde Rodrigues